



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12805 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

A MOBILIZAÇÃO DE JOVENS ESTUDANTES NA EJA: ATIVIDADES ESCOLARES NA PERIFERIA DE SÃO LEOPOLDO/RS

Gabrieli Oliveira da Silva - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Leandro Rogério Pinheiro - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL/FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

A MOBILIZAÇÃO DE JOVENS ESTUDANTES NA EJA: ATIVIDADES ESCOLARES NA PERIFERIA DE SÃO LEOPOLDO/RS

Este resumo apresenta a etapa inicial de uma pesquisa de mestrado em educação, cujas interlocuções de campo estão ocorrendo na região oeste da cidade de São Leopoldo/RS, em localidade de periferia urbana, com estudantes do ensino fundamental na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). Buscamos *compreender o que mobiliza a participação juvenil nas aulas, ponderando as atividades docentes consideradas significativas pelos jovens* e, assim, aproximando-nos de práticas escolares importantes para estudantes que não conseguiram concluir seus estudos no ensino regular. Tomamos as contribuições de Bernard Charlot como referentes, particularmente no que tange à mobilização dos sujeitos na relação com o saber escolar. Com base em incursões exploratórias para observação, consideramos uma caracterização preliminar dos elementos mobilizadores dos jovens, que incluem: dinâmicas interativas; possibilidades de identificação; formas de participação e reconhecimento; e uso de tecnologias.

Palavras Chave: Juventudes; EJA; Mobilização; Saberes escolares; Periferias.

Partimos da premissa de que compreender e interpretar as experiências juvenis na Educação de Jovens e Adultos (EJA) demanda reconhecer a diversidade dos estudantes a que constituem. Trata-se de considerarmos os jovens sujeitos sociais, historicamente constituídos, que possuem demandas pedagógicas diferentes daquelas apresentadas por adultos e idosos. De início, a modalidade EJA atendia majoritariamente os adultos, mas, desde o final dos anos 1990, observou-se uma expressiva ampliação do número de jovens. Segundo o Censo da Educação Básica (INEP, 2020), as matrículas em EJA ocorrem com pessoas de idade inferior aos 30 anos em cerca de 62% dos casos, sinalizando para uma consolidação da ocupação juvenil das vagas na modalidade.

A inclusão dos jovens nessa modalidade segue políticas de correção de fluxo e procura garantir a permanência na escola e a conclusão das etapas de ensino, de forma que a EJA recebe, na maioria dos casos, jovens em situação de vulnerabilidade social. Segundo o Anuário da educação – Brasil (2020), no país, em 2019, a distorção idade-série era de cerca de 23,4% no ensino fundamental (EF) e 26,2% no ensino médio (EM) – no Rio Grande do Sul, 29,8% e 29,9% respectivamente. Além disso, entre os 25% mais pobres, 69,1% concluem o EF com 16 anos, e 51,2% o EM com 19 anos.

Para Silva (2020), o sujeito da EJA não é um educando que trabalha, mas sim um trabalhador que às vezes estuda, e que isso via de regra ocorre após uma exaustiva jornada de trabalho” (p. 39). Nossos interlocutores em campo eram, na maioria dos casos, trabalhadores de diferentes áreas: alguns trabalham na construção civil; outros em rede de supermercado próxima da comunidade ou lojas no centro da cidade; um estudante trabalhava em serviço de assistência mecânica; alguns não trabalhavam, mas mencionaram a intenção de trabalhar assim que possível.

Consoante, para Charlot (2000), analisar a relação com o saber é estudar o sujeito confrontado à obrigação de aprender, em um mundo que ele partilha com os outros. A construção de atividades no cotidiano escolar, isto é, ações com sentido para os sujeitos, demanda que observemos, neste caso, a participação dos jovens nas dinâmicas escolares e, então, as práticas que os mobilizam e os modos em jogo para significá-las. Trata-se de ponderar a relação com o saber desde sentidos e apropriações socialmente contextualizados e, então, considerar os movimentos dos jovens a partir daí.

As incursões ao ambiente escolar foram realizadas nos meses de outubro e novembro de 2022, para observações de inspiração etnográfica (Rocha e Eckert, 2008). Neste sentido, dedicamo-nos a observar as tomadas de posição dos jovens, por intermédio da presença em aulas e intervalos, na escuta de narrativas e acompanhando a relação com os docentes e com os pares. Inicialmente, as observações se dirigiram às disciplinas de preferência dos jovens, por afinidade com os professores e com a dinâmica em sala.

Logo de início, foi possível perceber a sociabilidade entre os jovens no horário do jantar e nos intervalos. Os estudantes se acomodavam mais próximos, sempre com assuntos

diversificados. Em uma das noites de observação, aproveitamos que estava chovendo e nos aproximamos do grupo de jovens que estava na quadra coberta, enquanto os meninos jogavam. Então, começamos a conversar e chegamos no assunto sobre quais disciplinas eles gostavam? Todos mencionaram “português” e, em seguida, “inglês”, “ciências” e “educação física” (esta citada somente pelos meninos). A partir daí, começamos a observar as aulas desenvolvidas em tais disciplinas.

Nas disciplinas eleitas, percebemos que interações sociáveis entre os docentes e os estudantes da EJA eram recorrentes. Nas aulas de língua portuguesa, a professora iniciava perguntando para os estudantes “como estão vocês?”. Após, compartilhavam comentários sobre o dia. Certa vez, a professora, também moradora da localidade, contou o quanto precisou trabalhar, produzindo e vendendo salgados e doces com a mãe para pagar seus estudos e, então, a oportunidade representada pelo Programa ProUni em sua trajetória. Comentou também que, após terminar sua graduação, prestou concurso público para dar aula de língua portuguesa e escolheu dar aula na escola da comunidade onde reside. Em seguida, ela passou conteúdos e tarefas no quadro e percebemos que os estudantes copiavam e, ao mesmo tempo, conversavam sobre a possibilidade de fazer um curso superior.

Nas disciplinas de ciências e inglês, os docentes utilizavam a tela interativa e *chromebooks* para a realização de pesquisas. Percebemos que o fato dos estudantes precisarem levantar de suas cadeiras para pesquisar (na tela) surtiu efeito mobilizador em ambas as disciplinas e que a maior parte dos estudantes jovens não quiseram pesquisar as palavras no dicionário. Somente alguns estudantes adultos e os mais idosos pesquisaram as palavras desta forma. Em uma das aulas observadas, por exemplo, o professor de inglês lançou um desafio: pediu que escrevessem na tela as palavras em inglês, separando duas filas. Cada estudante tinha que escrever a palavra que o docente falava sem olhar no caderno. Neste ponto, podemos retornar a Charlot (2013), “a motivação é externa, ao passo que a mobilização é um fenômeno interno: motiva-se alguém de fora enquanto a si mesmo de dentro”. (p. 145).

Nas aulas de Educação Física, por fim, a professora encaminhava práticas que faziam os estudantes se movimentarem. Mesmo que alguns jovens parecessem cansados e alguns adultos e idosos realizassem as tarefas mais lentamente, percebíamos uma relação intergeracional de respeito e solidariedade entre os estudantes e professora. Para Silva (2021), os jovens referenciam certos profissionais pela relação construída com estudantes, em “constante renovação de saberes escolares, a focalização da formação humana, o compartilhamento dos conhecimentos construídos e resinificados” (p. 191).

Considerando a narrativa acima, e para compreender como os jovens experienciam a EJA, é necessário observar ações diversas no espaço escolar. As situações observadas sugerem pelo menos quatro aspectos a ponderar à continuidade da pesquisa, passando da mobilização à relação com o saber propriamente. Destacamos: i) as dinâmicas interativas e sociáveis que ambientavam as tarefas e conteúdos, dispondo professores e alunos em

circunstâncias de partilha experiencial; ii) a identificação entre os sujeitos partícipes das interações, seja por vínculos comunitários ou pertenças sociais, seja pela acomodação de projeções existenciais que esta pode representar; iii) as possibilidades de participação, que resultem também em oportunidades de reconhecimento (em desempenho cognitivo, em jogos sociáveis etc.); e iv) o acesso às tecnologias e à novidade que esta representa, associada à curiosidade despertada.

É necessário considerar o lugar que ocupam na sociedade, assim como elaborar e organizar uma proposta de trabalho nas quais os jovens estudantes possam se sentir pertencentes e mobilizados dentro do espaço escolar. Nesse sentido, como não mencionar aqui, há que se refletir também a relação com o mundo do trabalho, em muito vinculado à sobrevivência, à independência e à emancipação. Vale ponderar que trabalho e escola ainda são incompatíveis em muitas situações. A escola produz conflitos com a realidade do entorno, fazendo, no máximo, concessões que garantem aos jovens o direito de aprender (Silva, 2021). Nesse sentido, é preciso reconhecer que o trabalho informal é parte de uma rotina de insegurança e, desse modo, além das intermitências nos processos de aprendizagem escolar (ante a necessidade laboral), a promessa de melhoria nas condições de vida via educação ou qualificação profissional nem sempre traz garantias num mercado excludente, que assola especialmente os trabalhadores jovens.

Temos como horizonte político para a pesquisa, reconhecer a condição juvenil desses educandos, reconhecer suas experiências, contribuir para que se construa estratégias junto aos estudantes, que promovam e possibilitem práticas significativas e críticas. Trata-se de desenvolver diálogos sobre o próprio sistema escolar e sobre a atual manutenção das desigualdades, para que esses jovens estudantes de periferia possam encontrar palavras para suas inquietações frente às desigualdades sociais.

Referências

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber às práticas educativas*. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Analise de Jesus da. *Na EJA tem J: juventudes na educação de jovens e adultos*. Curitiba: Appris, 2021.

ROCHA, Ana Luiza Carvalh da; ECKERT, Cornélia. Etnografia: saberes e práticas. *Revista Iluminuras*, 2008.

INEP. *Censo da Educação Básica 2020 – Notas estatísticas*. Brasília: INEP, 2020.